

FMI volta a ser vidraça

Jacarta - Reuters - 11/1/98

FLAVIA SEKLES

Correspondente

WASHINGTON - A desvalorização do real - que não constava do acordo de US\$ 41,5 bilhões coordenado pelo Fundo Monetário Internacional - e a reavaliação do papel do FMI na crise asiática deram novo fôlego aos críticos do Fundo, que gostaria de atuar como arquiteto-chefe do novo sistema financeiro mundial, mas que por enquanto não passa de vidraça da globalização.

O pavio da controvérsia foi um relatório divulgado pelo FMI admitindo que pode ter subestimado o impacto recessivo das políticas sugeridas para a Tailândia, Coréia do Sul e Indonésia no início da crise. No relatório, o Fundo reconhece ter agravado o impacto social da crise através da rigidez do aper- to fiscal e monetário que os governos da região tiveram que implementar para merecer o apoio financeiro interna- cional.

O FMI e países industrializados se comprometeram a emprestar US\$ 120 bilhões para a Tailândia, Indonésia e Coréia do Sul em 1997. Enquanto as moedas desses países se estabilizaram e as taxas de juros caíram, o investimen- to estrangeiro não se recuperou com- pletamente e em 1998 os três registra- ram as piores recessões desde a Segunda Guerra: a Indonésia teve uma reces- são de 15% do PIB, a Tailândia de 8% e a Coréia de 7%. Considerando que to- dos os países daquela região tinham polí- ticas fiscais relativamente disciplina- das antes da crise, é possível que as re- cessões não teriam sido tão profundas se o FMI tivesse permitido gastos maiores pelo governo.

Esfórcos - O diretor do FMI para a Ásia e o Pacífico, Hubert Neiss, dis- se que a "queda da atividade econô- mica foi muito maior do que havia si- do originalmente esperado". Segundo ele, os efeitos da depressão regional foram subestimados e a natureza da crise em seu início não foi completa- mente entendida pelos técnicos do Fundo. Mas, em defesa do FMI, Neiss disse: "Gostaria de enfatizar que es- forços foram feitos desde o início pa- ra ajustar as políticas para a evolução



Stanley Fischer, na Indonésia na crise de 1997: FMI chama de "lições" os fracassos de sua receita recessiva

da crise e a necessidade de reduzir o impacto social, mas nessa área e em outras nós ainda temos muitas lições para aprender com a crise da Ásia".

Mesmo ao divulgar o relatório e ad- mitir uma margem de erro, o FMI não deu o braço a torcer quanto aos aspec- tos de sua política que considera bem- sucedidos. Segundo Neiss, "o FMI po- deria ter feito sugestões melhores na área de política fiscal, mas não poderia ter evitado a recessão através da expan- são fiscal". Segundo ele, os críticos que argumentam que o FMI causou a crise estão errados: a única forma de comba- ter a queda das moedas e a instabilida- de macroeconômica, disse, é através de taxas de juro altas no início da crise. "Não há outra forma de parar o caos fi- nanceiro", disse. "A estratégia foi bem- sucedida em seu primeiro objetivo."

A questão se torna novamente rele- vante hoje no Brasil, e há poucas indi- cações de que dessa vez o FMI - que defende a manutenção das taxas de juro altas até que o real se estabilize - terá o benefício de vários meses para fa- zer auto-análises e autocriticas. De ca- ra, George Soros, o investidor bilioná- rio, disse que, enquanto a desvaloriza- ção do real era inevitável, "os conse-

lhos dado pelo FMI (no contexto dos juros), porque eu acho que eles incenti- varam o governo brasileiro a aumentar as taxas depois da desvalorização, estão errados." Segundo ele, "a menos que a confiança retorne às taxas de juro caiam, o Brasil vai entrar numa reces- são muito séria."

Confiança - O economista e pro- fessor da Universidade de Chicago José Alexandre Scheinkman também dis- se ao **JORNAL DO BRASIL** que é um erro usar política monetária para defender o real. "A política monetária deve ser usada para controlar a infla- ção", opinou o economista, que se re- cusou a discutir qual deveria ser a taxa brasileira no momento. "Essa estratégia de usar política monetária para defen- der o câmbio não funciona". Segundo ele, o governo brasileiro deveria anun- ciar uma taxa de inflação que con- sidera aceitável, e intervir nos mercados de crédito através de taxas de juro quando perceber que aumentos na inflação, as- sim como faz o governo americano. "A confiança na habilidade do Brasil para im- plementar um programa fiscal é a única coisa que pode controlar a flutua- ção do real", disse. Scheinkman cita o exemplo do Canadá, que desde 1992

viu sua moeda perder cerca de 40% de seu valor perante o dólar americano, mantendo durante o mesmo período uma inflação mais baixa do que a dos Estados Unidos.

O FMI, no entanto, continua defen- dendo sua política. Jack Boorman, che- fe do departamento de política do Fun- do, disse na ocasião da divulgação do relatório sobre a Ásia que a decisão do Brasil de elevar as taxas indica que o país não vai tolerar a "negligência be- nigna" do real. "Quando um país deci- de flutuar o câmbio, (os pisos) serão testados pelo mercado para determinar a intenção do governo de defender a moeda com outras políticas, e isso é o que está acontecendo no Brasil", disse. A decisão de elevar os juros tomada na segunda-feira foi, segundo ele, "corre- ta." "Esse foi um fortalecimento da po- lítica monetária para convencer os mer- cados de que as autoridades não estão realmente preparadas para tratar a moeda com negligência benigna", disse.

E se o Brasil provar que os críticos estão certos, receberá pelo me- nos um prêmio de consolação: será assunto de mais um relatório do FMI - sobre lições aprendidas com as cri- ses financeiras.